

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac)
Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo

Vinicius Santos Lousada

Ilè Ase
A religiosidade afro-brasileira em Bauru

Bauru - SP
2010

Vinicius Santos Lousada

Ilè Ase

A religiosidade afro-brasileira em Bauru

Projeto Experimental de Pesquisa apresentado pelo discente Vinicius Santos Lousada, como requisito para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social: Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), campus de Bauru, sob orientação da Professora Assistente Dalva Aleixo Dias.

Bauru (SP)

2010

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac)
Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo

Banca Examinadora

Membros:

Prof. Elizabeth da Penha Cardoso

Fábio Ferreira Gonçalves

Presidência e Orientação:

Prof. Dalva Aleixo Dias

Bauru, 4 de dezembro de 2010.

DEDICATÓRIA

A todos que acreditaram e tornaram este projeto possível, especialmente ao povo de santo de Bauru, que me recebeu com respeito e afeto em seus terreiros carregados de axé.

A todos que fazem e fizeram da música popular brasileira a mais bela do mundo, e me embriagam diariamente com seus acordes, suas vozes e sua poesia.

À Oyá. À Ave Maria.

Vinicius Santos Lousada

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por se fazer presente em todos os momentos. A meu pai por acreditar que tem em casa o melhor dos jornalistas. A minha mãe por me garantir como maior herança o sentimento de indignação. Pai e mãe, sem vocês nada disso existiria, nem mesmo eu.

A minha irmã por muitas vezes me lembrar do mundo real. A meus avós, presentes ou não, tios, tias, primos e primas por me mostrarem dia-a-dia o quão me querem bem. À Alê pelo afilhado, pelos mapas pintados e por todo o zelo.

Aos amigos de Cubatão, de Santos, de Bauru e do mundo, que me proporcionam indescritíveis momentos de felicidade. À Elaine pelas fotos, ao Felipe pela tranquilidade, ao Vinicius pela sua arte, ao Beto por ser tão maravilhoso e presente no meu dia a dia.

À Dalva pela orientação acadêmica e de vida. Ao Fábio e à Elizabeth por somarem a este projeto. A todos os entrevistados, fotografados e conselheiros, que acreditaram e apostaram na minha idéia.

Vinicius Santos Lousada

1 CONCEPÇÃO DO PROJETO

A idéia de escrever um livro-reportagem a respeito das religiões afro-brasileiras surgiu a partir do interesse e da curiosidade pessoal provocados por suas influências rítmicas, melódicas, poéticas e semânticas na música popular brasileira.

As canções de intérpretes e compositores, como Clara Nunes, Vinícius de Moraes, Gilberto Gil, Dorival Caymmi, Maria Bethânia, Jorge Ben Jor, Caetano Veloso, Daniela Mercury, Margareth Menezes, Zeca Pagodinho, Carlinhos Brown, entre tantos outros, que estão presentes desde a infância no dia-a-dia do autor, provocaram o anseio por conhecer essas manifestações religiosas, comumente estigmatizadas em uma sociedade em que predominam os valores judaico-cristãos.

A proposta deste projeto, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, foi de conhecer as religiões afro-brasileiras, especificamente a Umbanda e o Candomblé, a partir das observações de um autor - antes sem relações concretas com elas - imerso no tema, conhecendo os terreiros e, principalmente, conversando com as pessoas que vivenciam e constroem essas religiões no dia-a-dia.

Quando questionam a respeito do tema deste livro-reportagem, a reação das pessoas transita entre o fascínio e o assombro. Muitas, apesar da surpresa, manifestavam-se interessados no tema. Mas na maioria das vezes, as reações vinham acompanhadas por exclamações do tipo “Ai, credo! Macumba!”; outros fazem de imediato o sinal da cruz.

Esse tipo de comportamento comprova o quanto ainda estão enraizados em nossa cultura os valores e preconceitos de país colonizado e dominado, onde as manifestações culturais de origem africana eram minimizadas, e as religiosas, tratadas como caso de polícia até o Estado Novo de Getúlio Vargas.

Apesar da riqueza e da força tanto do ponto de vista antropológico quanto do sensível, existe pouca exploração dessas religiões em coberturas jornalísticas e abordagens educativas na mídia. Na maior parte do tempo em que são citadas, estão em contextos difamatórios, como programas humorísticos e religiosos, normalmente evangélicos pentecostais, que demonizam as crenças de povos ancestrais, apesar das duras críticas dos grupos de direitos humanos e das ações punitivas por parte do Ministério Público.

O objetivo deste livro não é doutrinar o leitor, mas mostrar uma visão humanizada sobre a Umbanda e o Candomblé, distante dos estigmas e da formação prévia de conceitos e juízos de valor. Trata-se de uma tentativa de desmitificar as religiões afro-brasileiras, constantemente relacionadas à magia negra e seitas satânicas, mas que, na verdade, têm como fundamentos a busca pelo sagrado, pelo equilíbrio do cosmo e uma relação profunda com a natureza.

A cidade de Bauru foi escolhida como âmbito da pesquisa, pois apresenta características peculiares em relação a outros municípios do estado de São Paulo. A maioria dos pesquisadores acredita que a vinda da ferrovia e dos trabalhadores ferroviários para a cidade colaborou para o fortalecimento e consolidação locais das religiões afro-brasileiras, especialmente a Umbanda.

2 AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Durante três séculos, milhões de africanos foram trazidos e escravizados no território brasileiro. O tráfico negreiro foi uma prática legalizada no país até 1830. No entanto, os negros conquistaram sua liberdade apenas em 1888.

A maioria dos africanos escravizados no nosso país tinha sua origem nas etnias *banto* e *nagô*. Os bantos concentraram-se especialmente na região Sudeste do Brasil, enquanto grande parte dos nagôs foi para os estados da Bahia, Pernambuco e Maranhão.

O número de escravos no Brasil era infinitamente maior do que o de “homens brancos”. Por isso, os africanos com origem de uma mesma nação eram separados e forçados a viver em senzalas junto a descendentes de outros povos. A reunião de membros de tribos diferentes, muitas vezes inimigas, diminuía a possibilidade de uma rebelião em massa contra as condições a que esses seres humanos eram submetidos.

No entanto, apesar das diferenças e das antigas rivalidades, a convivência, a assimilação dos costumes uns dos outros e o mesmo anseio por liberdade fizeram com que até mesmo as nações inimigas se aproximassem em uma solidariedade de cor.

A religião foi um fator fundamental para a preservação dos costumes africanos e tornou-se símbolo da resistência de povos que foram massacrados ao longo da história do nosso país, mas que exerceram papel fundamental para a formação da identidade e da cultura brasileira.

2.1 O Candomblé

Os negros eram proibidos de exercer suas práticas religiosas no Brasil. Porém, visando o fortalecimento do sentimento de identidade com suas nações de origem - o que era de interesse dos senhores para evitar levantes e revoltas de seus escravos -, os africanos tinham permissão para promover os batuques, que eram, aparentemente, divertimentos organizados pelos próprios negros nos dias de descanso. No entanto, nesses batuques, os africanos dançavam e cantavam,

cultuando às suas divindades. Para disfarçar e não sofrer punições de seus senhores, utilizavam imagens de santos católicos, fingindo adorá-las.

As relações eram feitas entre os santos (seres humanos) e orixás (forças da natureza) de acordo com as histórias de vida terrena e passagens da mitologia africana. Esse fenômeno é chamado de sincretismo, hoje refutado pelo Candomblé e bastante forte na Umbanda.

A maioria dos terreiros de Candomblé mantém tradições rígidas no culto aos orixás e, por isso, muitos a consideram como a legítima religião afro-brasileira. A Casa Branca do Engenho Velho foi o primeiro terreiro de Candomblé do país, fundado em 1736, na cidade de Salvador, e serviu como modelo para todos os outros que vieram depois, independentemente das nações de origem dos barracões.

Nanã, Obaluaye (Omolú), Oxumaré , Oxalá, Exú, Ogum, Oxóssi, Yemanjá, Oxum, Iansã, Obá, Ewá, Xangô, Logun Edé, Ossaim, Ibeji e Iroko são os 16 orixás mais cultuados no Candomblé forjado no Brasil, a partir da condensação da cultura e das crenças de alguns dos povos e nações africanas trazidos para cá: Nagô, Angola, Ketu. Além dos mais cultuados, existem outras 14 divindades que são reconhecidas por aqui, mas apenas em centros de nações específicas.

No Brasil, é predominante na região Nordeste e preserva muitos elementos do ritual *nagô*, povo africano que foi trazido majoritariamente para os estados da Bahia, Pernambuco e Maranhão.

2.2 A Umbanda

A Umbanda é uma religião monoteísta e tem a brasilidade e a diversidade como suas principais marcas. Disseminada principalmente no Centro-Sul do país, foi formada a partir de crenças e valores morais cristãos, do espiritismo *kardecista*, de rituais de pajelança indígena, do culto aos ancestrais do povo banto, trazido da África subsaariana para a região sudeste do Brasil, e do culto aos orixás, característico do povo nagô, levado para o nordeste do nosso país. Na África, os nagôs exerciam domínio sobre os bantos, o que pode explicar essa influência.

A origem da Umbanda está diretamente associada ao fim do regime escravocrata e ao processo de urbanização, quando os negros libertos vieram para

a cidade e constituíram na margem da sociedade - agora de classes - uma irmandade entre negros e pobres de qualquer cor. Neste processo, a classe média desempenhou um papel importante para a consolidação e disseminação da religião. Foi dela que surgiu a fundação oficial da Umbanda, bem mais conhecida – e embranquecida – do que a inicialmente praticada pelos setores marginalizados da sociedade.

Filho de uma tradicional família do Rio de Janeiro, Zélio Fernandino de Moraes sofreu como uma súbita e inexplicável paralisia, nunca explicada pela medicina, que foi curada tão repentinamente quanto surgiu. Por sugestão de um amigo, a família procurou a *Federação Espírita de Niterói*. No dia 15 de novembro de 1908, durante uma sessão, Zélio foi tomado por uma força maior e espíritos que se identificavam como “pretos escravos” e “índios caboclos” se manifestaram.

Essas entidades foram convidadas a se retirar pelo dirigente da sessão por serem consideradas “primitivas” e “atrasadas”. Foi neste instante em que Zélio, ainda tomado pela força misteriosa, respondeu que no dia seguinte daria início a um culto em que pretos e índios poderiam passar suas mensagens e cumprir a missão que lhes foi confiada pelo plano espiritual. Zélio também explicou que a religião falaria aos humildes, simbolizando a igualdade entre todos os “irmãos”, encarnados ou não. No dia seguinte, o Caboclo das Sete Encruzilhadas manifestou-se mais uma vez e foi anunciada oficialmente a Umbanda.

Apesar da imensa diversidade, podemos destacar Zambi como o Deus supremo para a religião, seguido por alguns dos orixás africanos e entidades. O culto, chamado de gira, consiste basicamente na incorporação dessas entidades, espíritos desencarnados que vêm a terra com o objetivo de ouvir, atender e orientar quem os procura em busca de soluções para seus problemas.

2.3 A religiões afro-brasileiras em Bauru

Com cerca de 800 terreiros espalhados pela cidade, a Umbanda possui aproximadamente 20 mil praticantes diretos de todas as classes socioeconômicas em Bauru. Naturalmente, esse número aumenta consideravelmente se incluirmos as

pessoas que seguem outras crenças religiosas e procuram a Umbanda ocasionalmente.

Tradicionalmente estigmatizada como “religião de pretos e pobres”, a Umbanda não consta nos registros oficiais da história bauruense. No entanto, pesquisadores e umbandistas acreditam que a vinda das ferrovias – e consequentemente dos trabalhadores ferroviários - para Bauru ocupe um papel importante na história da religião na cidade.

Hoje umbandistas têm espaço nos principais jornais, rádios e televisões da cidade, onde divulgam suas festas e suas ações, mas em outros tempos parecia inconcebível imaginar uma entrevista ao vivo na primeira edição do telejornal local da Rede Globo com um pai de santo convidando os telespectadores para uma festa em louvor ao orixá Ogum que aconteceria na noite daquele sábado. Além disso, Bauru promove anualmente uma das maiores festas da religião no país, a *Umbanda Fest*, e reconhece no calendário oficial do município o dia 15 de novembro como o *Dia Municipal Da Comunidade Umbandista*.

O Candomblé é menos popular na cidade, pois é mais forte no Nordeste do Brasil. No entanto, os poucos terreiros existentes na cidade preservam as tradições da religião, proporcionando um material de extremo valor para o projeto.

3 O LIVRO-REPORTAGEM

Ser jornalista é informar de modo a que o receptor consiga construir uma percepção de um fato “real” que está sendo relatado. Para alcançar esse objetivo, o profissional pode utilizar os mais diversos gêneros jornalísticos: matéria, notícia, reportagem, grande reportagem, livro-reportagem etc.

Aqui, foi escolhido este último, pois trata-se do formato mais ajustado aos objetivos desse projeto. Afinal, é um gênero que permite o trabalho profundo de pesquisa e, ainda, possibilita o recorte mais preciso do assunto abordado no produto.

Além disso, o gênero não está, necessariamente, ligado à questão factual ou noticiosa estrita peculiar aos grandes veículos de informação. Desse modo, o assunto pode ser explorado sem delimitação de espaço, ao contrário do que acontece nos periódicos.

Segundo a análise de Lima (1996, p.29), sobre os conceitos de reportagem de Medina, Lage e Marques de Melo:

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não periódico que não apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação. Esse grau de amplitude superior pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos – que no aspecto extensivo, de horizontalização, que no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores

3.1 New Journalism

Apresentando-se fator comum em todas as obras pesquisadas a respeito do tema grande reportagem, o *New Journalism* foi o grande responsável pela disseminação de uma fórmula de produção bastante diferente da clássica jornalística.

Apesar de, muito antes da explosão do *New Journalism*, na década de 1960, já existirem registros de obras que apresentavam características semelhantes às desenvolvidas por Tom Wolfe e companhia, como as reportagens de Joel Silveira, nada se compara à força significativa que o movimento norte-americano adquiriu no cenário jornalístico mundial: a possibilidade de unir nos livros a captação linear do

real com a experiência de o repórter se lançar nos cenários que até então só eram descritos por ele. As reportagens passaram então a transmitir sensações, efeito inerente ao processo de imersão realizado na produção do conteúdo.

O novo jornalismo é uma tentativa de busca da realidade, sem deixar de lado as impressões de quem escreve. O escriba, nesse contexto, pode optar pela imparcialidade – e pode, quando julgar apropriado, opinar sobre um determinado assunto. Ou seja, escrever na primeira pessoa não é (ou não deveria ser) um ato de vaidade: é, muitas vezes, a única maneira de escrever para escapar das garras do jornalismo que não toma partido e, talvez ainda mais importante, o melhor atalho para se soltar. (CARTA *apud* WOLFE, 2003, p.39)

A exibição do ponto de vista do repórter durante a narrativa é outra característica marcante do movimento: a exposição do fluxo de pensamento dos envolvidos no relato, descrição de hábitos, costumes, gestos, vestimentas, entre outros, visando o aprofundamento e detalhamento do estado de ânimo e modo de vida do personagem, uso de diálogos da maneira mais natural possível e, por fim, a construção cena-a-cena, encarregada de prender a atenção do leitor.

Joaquim Ferreira dos Santos (2005 *apud* WOLFE, 2005, p.241) desenvolveu algumas características básicas para o desenvolvimento de um bom livro reportagem a partir da análise dos conceitos do *New Journalism* de Tom Wolfe:

1 – Utilizar na escrita a linguagem característica dos personagens e do cenário envolvido na trama para passar a impressão de que a cena é vista a partir do ponto de vista de alguém que está dentro dela.

2 – Mudar o ponto de vista sempre que necessário para não cair na monotonia do olho único do jornalista.

3 – Executar o Jornalismo de Exaustão: tudo interessa e as entrevistas devem ser as mais profundas possíveis.

4 – Avançar sobre os limites convencionais do jornalismo.

5 – Passar dias, às vezes semanas, com as pessoas sobre as quais vai escrever.

6 – Tentar estar presente nos locais onde cenas dramáticas possam acontecer, para captar gestos, expressões faciais e detalhes dos ambientes.

7 – A descrição deve ser objetiva, completa e ir além, oferecendo detalhes como a vida subjetiva ou emocional dos personagens.

8 – Entrar na cabeça das pessoas. Usar diálogo, pontos de vista e monólogo interior.

9 – Fazer uso de pontos, travessões, pontos de exclamação, reticências. É uma maneira de incorporar um ruído visual e mexer com a mente do leitor.

10 – Ignorar definições de gênero para as criações. Apenas crie da forma como o *New Journalism* anuncia.

4 DESENVOLVIMENTO

A primeira fase de execução do projeto foi a revisão de literatura sobre as religiões afro-brasileiras. É impossível falar de Candomblé sem o suporte das obras de Pierre Verger e Roger Bastide, culturalistas que dedicaram suas vidas para retratar o culto aos orixás na África e no Brasil.

Publicações de autores brasileiros que retrataram a Umbanda e sua formação aliada aos processos de urbanização e industrialização também são fundamentais para a compreensão dessa religião tipicamente brasileira. Entre eles, podemos destacar Roberto da Matta, Beatriz Góis Dantas e Cândido Procópio Ferreira.

Também foi de suma importância a referência de estudos sobre criação de mitos e estigmas. Victor Turner se destaca nessa linha importante da pesquisa, para alcançar os resultados esperados no livro-reportagem.

4.1 Pesquisas de Campo

Após as leituras, o próximo passo foi a visita aos terreiros de Umbanda e Candomblé da cidade de Bauru. O critério para a escolha dos locais foi baseado nas divergências entre o culto praticado em cada um deles, buscando assim explorar a pluralidade e diversidade dentro das religiões.

Nas visitas, todas as observações eram anotadas, buscando valorizar os detalhes dos cultos e das festas. Os registros fotográficos também foram feitos nessa etapa do projeto.

O objetivo era também de participar ativamente das cerimônias na medida do possível. No caso do Candomblé, as restrições eram maiores, mas a comida dos orixás cultuados em festas públicas era oferecida a todos os presentes. Na Umbanda, a participação foi um pouco maior por conta do contato e do diálogo com os guias espirituais em seus atendimentos.

Foram visitados dois terreiros de Candomblé, quatro terreiros de Umbanda e diversas festas umbandistas realizadas no *Vale dos Orixás*, espaço pertencente à *Federação de Umbanda e Candomblé Reino de Oxalá*.

4.2 Entrevistas

As entrevistas com as fontes foram realizadas após as visitas aos terreiros, pois as observações e a vivência possível nessas religiões contribuíram para que o jornalista estivesse mais preparado e fundamentado para realizá-las.

As principais personagens do livro são três pais de santo de Umbanda, uma mãe de santo de Umbanda e dois pais de santo de Candomblé, mas também contou com a citação ou entrevistas de outras pessoas. Uma delas, a cantora Margareth Menezes na primeira parte do livro. Essa foi a única entrevista realizada por e-mail, devido às dificuldades logísticas e à agenda da artista.

As outras entrevistas foram feitas pessoalmente, dando ênfase sobre as experiências individuais e subjetivas das fontes. Para isso, buscou-se fundamentos da fenomenologia. Entre eles: a descrição do fenômeno, a busca de múltiplas perspectivas, a busca da essência e a estrutura, constituição de uma significação, suspensão do julgamento e interpretação dos fenômenos.

4.3 Redação

A etapa da redação foi a mais difícil de todas, pois exigiu um duro processo de escolha e renúncia de personagens e histórias. Além disso, foi necessário abandonar o vício, ao qual o curso de Jornalismo costuma condicionar, de escrever prezando a objetividade, concisão e estruturas bem definidas, como o lide a técnica da pirâmide invertida.

Deixar esse modo de escrever para mergulhar em uma proposta com valorização da narrativa e uso de recursos literários foi um grande desafio.

5 O PRODUTO

A proposta gráfica do livro //ê Açê: a religiosidade afro-brasileira em Bauru” parte do princípio de proporcionar uma leitura mais agradável, primando pela leveza na diagramação. O uso do branco na separação dos capítulos e o espaçamento 1,5 entre as linhas são chaves para atingir esse objetivo.

A fonte escolhida para o texto é a Palatino Linotype, tamanho 11, caracterizada pela presença de serifas triangulares, fornecendo alto grau de legibilidade.

O formato do livro também leva em conta o conforto do leitor. O tamanho de 14 x 20,5 cm, além de fornecer um melhor aproveitamento do papel, é um modelo que proporciona uma leitura confortável em qualquer local, por ser relativamente pequeno e de fácil manuseio.

A capa do produto foi desenvolvida pelo designer Vinícius Crepaldi e utiliza-se da cor vermelho-terra em homenagem a Iansã. As fotos mostram a saia de uma pomba-gira de Umbanda (um dos grandes símbolos da religião) e os pés de filhos de santo sobre o chão de uma festa de Candomblé

A capa também conta com plastificação brilhante, conferindo melhor aparência estética à obra e ganho na riqueza dos detalhes. No que diz respeito ao acabamento, a capa será fixada ao livro costurado por meio do sistema *HotMelt*.

O papel utilizado para a impressão do texto será o Offset 90g/m², caracterizado por não possuir revestimento e por contar com boa colagem interna e superficial. Para a capa do livro, o papel escolhido é o Supremo 250g/m², cujo ponto forte é a resistência, que, aliás, será potencializada pela plastificação, contribuindo também para o acréscimo de brilho ao produto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato e a vivência nas religiões afro-brasileiras proporcionaram não apenas a execução de um projeto de conclusão de curso. Todas as pessoas que disponibilizaram tempo e atenção contribuíram para uma experiência de vida única e inesquecível.

Este livro teve também como o objetivo retribuir toda a hospitalidade e amizade nas casas de santo, mostrando de forma sensível e humanizada a fé dessas pessoas, seus cultos, suas histórias, suas vidas; fugindo dos estigmas e da abordagem estereotipada que normalmente é dedicada às religiões afro-brasileiras.

Ilê Aşę pode ser encarado como um registro da prática das religiões afro-brasileiras em Bauru. Apesar da Umbanda conquistar cada vez mais espaço para divulgação nos veículos de comunicação na cidade, tanto ela quanto o Candomblé continuam às margens da sociedade.

Por meio do trabalho de imersão e das entrevistas realizadas, espera-se ter conseguido passar a verdade das pessoas e das religiões em suas essências, sem abdicar do trabalho jornalístico e de sua função primeira.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, Dalva.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo, Pioneira, 1961.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FERREIRA, Fábio Gonçalves. **Africanidades: um outro olhar**.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2000.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro reportagem?** São Paulo: Brasiliense, 1998.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas – o livro reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Summus Editorial, 1995.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1993.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**. 6 ed. São Paulo: Aquaroli Books, 2009.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.